

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) MICHEL MELO DA SILVA

DESEQUILÍBRIO DE FORÇAS E O RECURSO DA GEOGRAFIA:

o caso da Operação *Enduring Freedom*

Rio de Janeiro

2021

CC (FN) MICHEL MELO DA SILVA

DESEQUILÍBRIO DE FORÇAS E O RECURSO DA GEOGRAFIA:

o caso da Operação *Enduring Freedom*

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor dos Exércitos, por tudo que tenho e tudo que sou.

À minha amada esposa Érika Fernandes Borges Melo, minha companheira e grande amor da minha vida, pelo apoio irrestrito, compreensão e companheirismo em todos os momentos da minha vida, principalmente durante o desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas filhas Lara Fernandes Melo e Maitê Fernandes Melo, os maiores bens que possuo, fontes de inspiração e catalizadoras de todos os meus objetivos.

Aos meus pais, José Guerra da Silva e Elizabete Melo da Silva, pelo amor a mim dedicado, superando todos os desafios encontrados para me oferecer a melhor educação possível.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pelas orientações, disponibilidade e principalmente, incentivo. Com certeza, as suas orientações contribuíram sobremaneira para o resultado deste trabalho.

Aos prezados CMG (RM1-FN) João Marcelo Gomes da Silva Batista, CF(FN) Ricardo Parreiras de Bragança Oneto Araujo, CF(FN) Leandro Marinho Moreira e CC (FN) Eduardo Oliveira de Carvalho, pela disponibilidade e orientações que muito contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos CC (FN) William Monteiro da Silva Góis e CC (FN) Maurício Schmidt da Silva, amigos de longos anos e que tanto admiro, por todo apoio nesses intensos dois últimos anos de estudo e pela contribuição na elaboração e revisão deste trabalho.

Por fim, mas não menos importantes, agradeço a todos que torcem por mim e aqueles que direta ou indiretamente contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Após os atentados do dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América (EUA) declararam “guerra global ao terror” e lançaram a Operação *Enduring Freedom* (2001-2014) no Afeganistão. Possuidor de um poderoso Exército, com equipamentos de alta tecnologia, enormes efetivos e bem treinados, os norte-americanos depararam-se com um conflito onde a natureza era de insurgência, cujos combatentes Talibãs, utilizando-se de técnicas irregulares e muita das vezes rudimentares, mas conhecedores e fazendo bom uso das condições geográficas, obtiveram enormes vantagens militares. Inicialmente, o movimento Talibã foi praticamente dizimado pelas tropas regulares, porém, fazendo uso dessas condições geográficas, conseguiram aumentar o seu poder de combate e infringiram pesadas baixas aos seus oponentes, cujo auge foi em 2006. O desenho de pesquisa escolhido foi a comparação entre a teoria e a realidade. Como teoria, utilizamos o modelo de David Galula (1919-1967), pela sua rica vivência em quatro conflitos que participou, com destaque para a Guerra de Libertação Colonial da Argélia (1954-1962), além da sua influência na doutrina de contrainsurgência do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais norte-americanos. O propósito deste trabalho, então, foi responder se a Operação *Enduring Freedom*, entre os anos de 2001 e 2006, teria acontecido dentro do modelo teórico escolhido, no que diz respeito às variáveis das condições geográficas – fronteiras internacionais, localização, configuração, terreno, clima, tamanho, população e economia. Além disso, mostramos uma divisão dessas variáveis em níveis de importância na operação e uma análise interativa entre elas. Por meio do confronto estudado, concluímos que houve aderência, com vantagens para os insurgentes. Por fim, a pesquisa sugeriu que as lições aprendidas sejam internalizadas na doutrina da Marinha do Brasil, em especial no CGCFN-31.2 (manual de operações contra forças irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais).

Palavras-chave: Insurgência. David Galula. Operação *Enduring Freedom*. Condições Geográficas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Afeganistão dividido por etnias.....	52
Figura 2 - Mapa do Afeganistão.....	53
Figura 3 - Terreno montanhoso do Afeganistão.....	54
Figura 4 - Posição defensiva da Al-Qaeda.	55
Figura 5 - Explosão desencadeada por um IED no leste do Afeganistão.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CIA - *Central Intelligence Agency*
- EUA - Estados Unidos da América
- IED - *Improvised Explosive Devices*
- OEF - *Operação Enduring Freedom*
- OIF - *Operation Iraqi Freedom*
- PIB - Produto Interno Bruto
- PRT - *Provincial Reconstruction Team*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	MODELO TEÓRICO DE DAVID GALULA	10
2.1	HISTÓRICO SOBRE DAVID GALULA.....	10
2.2	A INSURGÊNCIA E A CONTRAINSURGÊNCIA: CONCEITOS ASSOCIADOS	11
2.3	OS PRÉ-REQUISITOS PARA O SUCESSO DE UMA INSURGÊNCIA.....	13
2.4	A CONTRAINSURGÊNCIA COM AS SUAS QUATRO LEIS.....	19
2.5	OS FATORES TÁTICOS PARA A SELEÇÃO DA ÁREA DE ATUAÇÃO.....	21
3	ANÁLISE DA OEF ENTRE 2001 E 2006	24
3.1	ANTECEDENTES HISTÓRICOS EM SOLO AFEGÃO.....	25
3.2	O SURGIMENTO DO MOVIMENTO INSURGENTE	28
3.3	CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS GERAIS DO AFEGANISTÃO.....	31
3.4	FRONTEIRAS INTERNACIONAIS, LOCALIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO.....	33
3.5	TERRENO E CLIMA	34
3.6	TAMANHO, POPULAÇÃO E ECONOMIA.....	36
3.7	ANÁLISE INTERATIVA DAS VARIÁVEIS ABORDADAS.....	37
4	CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS NA OEF X MODELO TEÓRICO GALULA	40
4.1	OEF X FRONTEIRAS INTERNACIONAIS, LOCALIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO.....	40
4.2	OEF X TERRENO E CLIMA	42
4.3	OEF X TAMANHO, POPULAÇÃO E ECONOMIA.....	42
4.4	NÍVEL DE IMPORTÂNCIA E QUADRO-RESUMO.....	44
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	50
	ANEXOS	52

1 INTRODUÇÃO

O dia 11 de setembro de 2001 entrou para a história e até hoje ecoa com grande intensidade. Os Estados Unidos da América (EUA), maior potência militar do planeta, se curvou perante um inimigo perspicaz e com poder de combate praticamente nulo.

Ninguém poderia imaginar que aquela manhã, em Nova York, 19 extremistas, em uma série de ataques suicidas, conseguiriam atingir diversos símbolos norte-americanos, dentre eles, as torres gêmeas do *World Trade Center*, ocasionando milhares de mortes.

Diante do fato consumado, era imprescindível, para governo estadunidense, a necessidade de apresentar uma rápida reação no campo militar, para não passar a imagem de fraqueza e vulnerabilidade ainda maiores. Com isso, declararam guerra ao terror, lançando a Operação *Enduring Freedom*¹ (OEF) no Afeganistão (2001-2014), com o intuito de fazer justiça, não somente em relação à destruição da *Al-Qaeda*, grupo terrorista suspeito de ter promovido o ataque em solo norte-americano, como também àqueles que fornecessem abrigo.

Possuidor de um poderoso Exército, com equipamentos de alta tecnologia, consideráveis e bem treinados efetivos, os norte-americanos depararam-se, no Afeganistão, com um conflito cuja natureza era de insurgência. Tinham como oponentes os combatentes talibãs que, utilizando-se de técnicas irregulares e fazendo bom uso de suas condições geográficas, obtiveram enormes vantagens militares.

Diante do que foi apresentado, a presente pesquisa irá estudar o modelo teórico de David Galula (1919-1967), coronel do Exército Francês, abordando as variáveis das condições geográficas – fronteiras internacionais, localização, configuração, terreno, clima, localização, população e economia², um dos pré-requisitos para o sucesso de um movimento insurgente, e

¹ Liberdade Duradoura (tradução nossa).

² Empregaremos essas expressões, na forma sublinhada, durante todo o trabalho, com o objetivo de caracterizar as variáveis das condições geográficas, um dos pré-requisitos para o sucesso de um movimento insurgente, estipulado por Galula.

a verificação dessas dentro da OEF, a fim de analisar de que forma a realidade histórica aderiu ou não ao modelo teórico.

Para isso, o nosso propósito é responder se a OEF, entre os anos de 2001 e 2006, teve aderência ao modelo teórico escolhido, no que diz respeito às variáveis das condições geográficas. Este trabalho mostrará, ainda, uma divisão dessas variáveis em nível de importância de influência na referida operação.

Para atingir o referido propósito, organizamos a pesquisa em cinco capítulos, sendo três de desenvolvimento, além da introdução e conclusão. No segundo capítulo, será estudada a teoria de Galula, mas antes apresentaremos um breve histórico sobre a sua vida e as principais definições e características da insurgência e contrainsurgência.

Após isso, ainda no capítulo dois, abordaremos os pré-requisitos para o sucesso de um movimento insurgente, com ênfase nas condições geográficas e suas variáveis, além de apresentarmos a relação dessas condições com as quatro teorias da contrainsurgência de Galula e os fatores táticos que influenciam na escolha da área de atuação.

No terceiro capítulo, realizaremos o estudo dos principais antecedentes históricos e o surgimento do movimento insurgente no Afeganistão. Em seguida, analisaremos as variáveis das condições geográficas e a influência dessas na OEF até o ano de 2006, além de uma análise interativa entre elas.

Já no quarto capítulo, faremos a comparação da realidade histórica estudada com o modelo teórico de David Galula, em relação às variáveis supracitadas, além de verificar os pontos de aderência, realizando uma gradação e estabelecendo níveis de importância para cada uma delas.

Por fim, no quinto capítulo, iremos expor as principais conclusões levantadas, indicando possíveis linhas de pesquisa futuras atinentes ao tema e que não foram abordadas no

presente trabalho e a utilização em outros modelos históricos. Mostraremos, também, a importância do assunto para a Marinha do Brasil.

Passaremos, a seguir, a investigar o modelo teórico de David Galula, com ênfase nas variáveis das condições geográficas, que serão confrontadas, posteriormente, com a realidade histórica.

2 O MODELO TEÓRICO DE DAVID GALULA

Com intuito de fundamentar as análises e conclusões do presente trabalho, escolhemos, como teórico de apoio, o Coronel do Exército Francês David Galula e passaremos a partir deste capítulo, abordá-lo.

Todavia, de forma a limitar o escopo da teoria aplicada ao estudo, nos voltaremos aos aspectos relacionados às condições geográficas e o que estão relacionados a elas, além de abordar como essas condições influenciaram ambos os contendores, insurgente e contrainsurgente.

Este capítulo está estruturado em cinco seções: na primeira, um breve histórico sobre a vida do teórico escolhido, mostrando o que ele representa para o tema em questão; na segunda, apresentaremos as definições de insurgência e contrainsurgência, abordando suas principais características; na terceira, descreveremos os pré-requisitos para o sucesso de uma insurgência, com destaque para as condições geográficas; na quarta, discorreremos sobre a contrainsurgência e as quatro leis apresentadas por Galula; e na última seção, apontaremos os fatores táticos que influenciam na escolha da área de atuação.

2.1 HISTÓRICO SOBRE DAVID GALULA

Segundo Ford (2015), David Galula é considerado o pai da moderna teoria da contrainsurgência. Filho de cidadão francês, nasceu na Tunísia em 1919 e optou pela carreira militar no Exército da França, vivenciando quatro conflitos que foram fundamentais para embasar sua teoria: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Revolução Comunista na China (1948-1952), a Guerra Civil na Grécia (1946-1949) e a Guerra da Argélia (1954-1962) (MARLOWE, 2010).

Ele foi autor dos livros *Pacificação na Argélia*³ e *Guerra de contrainsurgência: teoria e prática*⁴. O primeiro, baseado na tradição da guerra colonial francesa, refletiu as experiências da França como colonizadora da Argélia, Indochina e da África, em meados de 1800. Já o segundo, objeto da análise da presente pesquisa, começou no final dos anos 50 e início dos anos 60 e teve como objetivo auxiliar na derrota dos insurgentes comunistas, inspirados pelas teorias de Mao Tsé-Tung da guerra prolongada (MARLOWE, 2010).

Apesar de longo tempo ter se passado desde que foi escrito, o segundo livro descreve as definições voltadas para a insurgência e o seu oposto, a contrainsurgência, apresentando suas características e pré-requisitos, além de mostrar o caminho para se alcançar a vitória.

Suas obras foram reeditadas em inglês e somente quarenta anos após a sua morte foram traduzidas para o francês. Não por acaso, sua teoria tornou-se uma das principais fontes para a atual doutrina do Exército (MARLOWE, 2010) e do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América⁵ (EUA, 2006).

Veremos a seguir o significado e as características fundamentais da insurgência e da contrainsurgência, para a partir delas, abordarmos a doutrina.

2.2 A INSURGÊNCIA E A CONTRAINSURGÊNCIA: CONCEITOS ASSOCIADOS

Em virtude da diversidade de definições que envolve o tema em estudo, utilizaremos esta seção para trazermos alguns conceitos e convencioná-los para melhor entendimento, fazendo um paralelo com a base teórica apresentada por Galula.

Primeiramente, registraremos para conflito, o entendimento do filósofo francês Julien Freund (1921-1993) e, a partir dele, chegaremos aos conceitos associados à insurgência.

³ “Pacification in Algeria” (tradução nossa e título original).

⁴ “Counterinsurgency warfare: theory and practice” (tradução nossa e título original).

⁵ A teoria de Galula foi a principal referência para a elaboração do *U.S. Army Field Manual 3-24* e do *Marine Corps Warfighting Publication 3-33.5*.

O conflito consiste em enfrentamento por choque intencional, entre dois seres ou grupos de mesma espécie que manifestam, uns em relação a outros, uma intenção hostil, em geral a um propósito de direito, para manter, afirmar ou restabelecer o direito. Trata-se de romper a resistência do outro, eventualmente, pelo recurso da violência, e que pode atender ao aniquilamento físico do outro (FREUND, 1995, p. 58 e tradução nossa).⁶

Conforme descrito acima, um dos lados busca, intencionalmente, gerar animosidade porque se sente no direito de reivindicar justiça. A partir desse momento, será caracterizado o conflito, que fará uso da violência, inclusive com armas para aniquilar fisicamente o inimigo, caso a falta de consenso persista. Nesse último caso, podemos falar em conflito armado, que utilizaremos como base para a nossa abordagem.

Antes de analisarmos o conceito de insurgência, em virtude da sua amplitude, abordaremos o conceito de guerra irregular, que é, segundo Visacro (2009, p.13), “todo conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional”. Dessa forma, é um conflito sem padrão doutrinário rígido, que lhe possibilita adequar-se e moldar-se a ambientes políticos, sociais e militares diferenciados, contudo, sem existência de regras (VISACRO, 2009).

Alguns conceitos estão diretamente relacionados à guerra irregular, como a guerra revolucionária, que segundo Galula (1964) é um conflito interno, que desafia o governo vigente, com o objetivo de destituí-lo. Vale destacar que, com a Guerra Fria (1947-1989)⁷, os conflitos deixaram de se limitar à abordagem interna, em virtude do viés ideológico que envolveu todo o mundo.

A revolução, o golpe e a insurgência são maneiras de tomar o poder pela força e compõem a guerra revolucionária. A revolução caracteriza-se pelo seu caráter repentino, breve

⁶ No original em espanhol: “El conflicto consiste en un enfrentamiento por choque intencionado, entre dos seres os grupos de la misma especie que manifiestan, los unos respecto a los otros, una intención hostil, em general a propósito de un derecho, y que para mantener, afirmar o reestablecer el derecho, tratan de romper la resistencia del otro eventualmente por el recurso a la violencia, la que puede, llegado el caso, tender al aniquilamiento físico del otro”.

⁷ Período de tensão entre os Estados Unidos da América (EUA) e a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviética (ex-URSS), que tornou o mundo bipolar. Foi materializado na expressão “cortina de ferro”, propagada por Winston Leonard Spencer-Churchill (1874-1965) para definir as diferenças entre os países capitalistas e os países comunistas (BLAINEY, 2008).

e espontâneo, porém não planejado. O golpe é uma ação clandestina de um grupo com o objetivo de derrubar a liderança de seu país. Já a insurgência, difere das demais pelo fato de ser uma luta prolongada, de médio e longo prazo, conduzida metodicamente, visando a derrubada da ordem vigente (GALULA, 1964).

Diante do exposto, podemos afirmar que a insurgência é um conflito onde uma força não dispõe de uma organização militar formal, que visa a tomada do poder político. De maneira oposta, a contrainsurgência faz uso de uma força convencional para a manutenção do *status quo* vigente.

Entre o insurgente e o contrainsurgente está a população, que segundo Galula (1964) deve ser o objetivo de ambos, sendo a batalha por ela uma das principais características da insurgência.

Após conceituarmos conflito de acordo com Freud (1995) e guerra irregular apresentado por Visacro (2009), chegamos às definições de insurgência e contrainsurgência, além de alguns termos associados a esses. Destacamos, ainda, que tanto uma como a outra, visa o apoio da população. Na próxima seção, abordaremos especificamente sobre insurgência e seus pré-requisitos.

2.3 OS PRÉ-REQUISITOS PARA O SUCESSO DE UMA INSURGÊNCIA

Segundo Galula (1964), existem alguns pré-requisitos para que a insurgência seja bem-sucedida, que foram divididos em: causa, debilidade da força de contrainsurgência, condições geográficas e apoio externo. Vamos abordar nesta seção cada um deles, com aprofundamento nas condições geográficas, por se tratar do objeto da nossa análise.

O primeiro pré-requisito trata-se da causa, um recurso formidável, embora inatingível, que pode transformar-se progressivamente em força de resistência. A melhor causa é aquela que atrai o maior número de apoiadores e reduz o número de oponentes. O insurgente

não se restringe à escolha de uma única causa, cuja importância diminui à medida que o insurgente adquire força, pois a partir desse momento, o conflito passa a ser a principal questão (GALULA, 1964). Dessa forma, causa é o que atrai a população, é o que vai motivá-la a unir-se em prol da insurgência.

O segundo pré-requisito é a fraqueza do contrainsurgente. Diferentemente do insurgente, ele é forte em recursos tangíveis, em virtude dos meios à sua disposição e fraco em recursos intangíveis, podendo, inclusive, contribuir para o desenvolvimento do seu oponente (GALULA, 1964).

Diante do exposto, Galula apresenta alguns fatores de força e fraqueza do regime político vigente, que poderão facilitar ou dificultar o combate à insurgência, por exemplo, a liderança do contrainsurgente e a utilização da máquina do Estado no combate aos insurgentes, dentre elas a polícia e as Forças Armadas (GALULA, 1964).

O terceiro pré-requisito diz respeito às condições geográficas de um Estado. Essas características podem ter um papel predominante para o insurgente, que com menor poder de combate, e sem a ajuda da geografia, seria condenado ao fracasso. Analisaremos os oito fatores geográficos citados por Galula. São eles: localização, tamanho, configuração, fronteiras internacionais, terreno, clima, população e economia (GALULA, 1964).

Galula (1964) afirma, em relação à localização, que um país isolado por barreiras naturais, como mar e deserto, ou situadas entre países que se opõe à insurgência, é favorável ao contrainsurgente. Em relação ao tamanho, quanto maior o país, mais difícil é para um governo controlá-lo.

A configuração também se mostra de grande importância, pois um país fácil de compartimentar dificulta o insurgente, ficando mais fácil a limpeza⁸ por parte das forças

⁸ Limpeza é uma expressão utilizada no meio militar no sentido de destruição dos remanescentes de resistência inimiga numa área controlada pela força militar (BRASIL, 2018).

nacionais. Podemos citar como exemplo, o caso das Filipinas, que pelo fato de ser um arquipélago, o insurgente não consegue espalhar-se com facilidade (GALULA, 1964).

As fronteiras internacionais mostram-se importantes em virtude de dois pontos: a presença de vizinhos simpáticos ou não aos insurgentes, e a presença de grande proporção de linhas de costa até as fronteiras internas. Essas linhas podem ajudar o contrainsurgente em virtude do tráfego marítimo poder ser controlado com uma quantidade limitada de meios técnicos, que ele possui ou pode adquirir. Citamos, como exemplo, que é mais barato reprimir o contrabando ao longo da costa da Argélia do que ao longo das fronteiras da Tunísia e do Marrocos, onde o exército francês teve de construir, manter e operar uma cerca artificial (GALULA, 1964).

Outro exemplo em relação às fronteiras internacionais é a *Operation Iraqi Freedom*⁹ (OIF) no Iraque (2003-2011), com a presença de insurgentes xiitas e sunitas. Os xiitas possuíam apoio de países fronteiriços ao Iraque, simpatizantes a sua causa, diferentemente dos sunitas. Diante disso, quando os norte-americanos chegaram, a situação desses dois grupos insurgentes era distinta em relação às possibilidades de fuga. Enquanto os xiitas contavam com a possibilidade de escapar para países vizinhos, notadamente a Síria; os sunitas precisavam permanecer dentro do Iraque, por falta desse apoio externo (FORD, 2015).

Em relação à variável terreno, Galula (1964) afirma que ajuda o insurgente na medida em que é difícil e áspero, seja por causa das montanhas e pântanos, seja por causa da vegetação, como exemplo, os arrozais de *Tonkin*¹⁰.

Kiras (2007), cuja teoria corrobora com a teoria de Galula, afirma que a exploração de terrenos, que limitam a manobra das forças governamentais, é uma forma potente pela qual os insurgentes compensam sua inferioridade de recursos e pessoal, buscando, com isso, terrenos montanhosos, de selva, pântanos ou desérticos. Como exemplo, o autor cita o ambiente de selva

⁹ Operação Iraque livre (tradução nossa).

¹⁰ Região localizada na parte setentrional do Vietnã.

que dificultou os norte-americanos de aplicar manobras e poder de fogo contra os vietcongues¹¹ e norte-vietnamitas.

Galula (1964) afirma que os climas adversos favorecem o contrainsurgente, que, via de regra, possui melhor logística e operação das instalações. Em relação à variável população, o seu tamanho afeta a insurgência do mesmo modo que o tamanho do país, pois quanto mais habitantes, mais difícil de controlá-los. Contudo, Galula reforça que esse fator pode ser atenuado pela densidade e sua distribuição, ou seja, quanto mais dispersa a população, melhor para o insurgente. Outro ponto a destacar neste fator é a sua proporção entre as áreas rural e urbana, sendo a maior proporção na rural favorável ao insurgente (GALULA, 1964).

Como exemplo, citamos o Iraque, urbano, com aproximadamente 66% de sua população vivendo nas cidades. Esse país, em 2014, possuía cerca de 25 milhões de pessoas espalhadas por 438.317 Km², porém sua população é concentrada, em sua maioria, nas cidades. Diante disso, sua distribuição é ideal para a contrainsurgência (FORD, 2015).

Podemos ilustrar trazendo o caso do bairro de *Adhamiya*, em Bagdá, lar de 400.000 pessoas em 2014, mas que era controlada por apenas uma Brigada¹², pelo fato de possuir apenas alguns quilômetros quadrados (FORD, 2015).

Finalizando, Galula (1964) aborda a economia, afirmando que um país subdesenvolvido é mais vulnerável à insurgência. Como exemplo, podemos destacar um país que não conta com uma boa rede de transportes e de comunicações, dificultando o exercício das tropas legais.

Fearon e Laitin (2001), cuja teoria corroboram com a de Galula, afirmaram que países mais pobres estão mais dispostos aos movimentos de insurgência, principalmente, em

¹¹ Expressão criada pelo presidente do Vietnã do Sul Ngo Dinh Diem (1901-1963) em alusão aos comunistas sul-vietnamitas (MAGNOLI, 2006).

¹² Grande Unidade básica de combinação de armas, integrada por unidade de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de atuar independentemente (BRASIL, 2018).

virtude da incapacidade e incompetência do Estado e seus aparatos militares e policiais para combaterem os insurgentes.

Diante do exposto, no entender de Galula (1964), as condições geográficas devem ser utilizadas pelo insurgente e o contrainsurgente de modo a apoiá-los. O autor, de forma resumida, detalha a situação ideal para cada um dos oponentes, de forma a aumentar seu poder de combate e, conseqüentemente, influir sobremaneira o conflito. Nas palavras de Galula:

A situação ideal para o insurgente seria um grande país sem litoral, em forma de estrela de ponta arredondada, com montanhas cobertas de selva ao longo das fronteiras e pântanos dispersos nas planícies, em uma zona temperada com uma grande população rural dispersa e uma economia primitiva. O contrainsurgente prefere uma pequena ilha em forma de estrela pontiaguda, na qual um aglomerado de cidades uniformemente espaçadas é separado por deserto, em um clima tropical ou ártico, com uma economia industrial (GALULA, 1964, p. 25, tradução nossa)¹³.

O quarto e último pré-requisito apresentado por Galula (1964) que complementa o seu estudo é o apoio externo ao movimento, que pode dar-se das seguintes formas: moral, político, técnico, financeiro e militar.

O apoio moral, que possui a mídia como seu principal instrumento, é usado para influenciar a opinião pública. Já o apoio político, é obtido de forma direta em pressão aplicada na força de contrainsurgência e de forma indireta, por ação diplomática nos fóruns internacionais, ambas em cima do governo (GALULA, 1964).

O suporte técnico é atingido como forma de aconselhamento ao insurgente para a organização de seu movimento. O apoio financeiro ao insurgente, pode ser alcançado de forma ostensivo ou encoberto; e o apoio militar, por meio de intervenção direta em apoio aos insurgentes, ou cedendo-lhes instalações e equipamentos (GALULA, 1964).

Fearon e Laitin (2001) reforçam que o movimento insurgente é favorecido quando possuem apoio de governos estrangeiros dispostos e capazes de fornecer armas, dinheiro,

¹³ No original em inglês: “To sum up, the ideal situation for the insurgent would be a large landlocked country shaped like a blunt-tipped star, with jungle-covered mountains along the borders and scattered swamps in the plains, in a temperature zone with a large and dispersed rural population and primitive economy. The counterinsurgent would prefer a small island shaped like a pointed star, on which a cluster of evenly spaced towns separated by desert, in a tropical or arctic climate, with an industrial economy”.

treinamento ou *know-how*, no qual chamaram de “insurgência como política internacional e transnacional por outros meios”¹⁴.

Galula (1964) conclui os pré-requisitos ao afirmar que uma causa, uma fragilidade das forças nacionais do contrainsurgente, um ambiente geográfico não muito hostil e o apoio externo nos estágios intermediários e posteriores do movimento insurgente, são as condições para que essa seja bem-sucedida. O autor ainda destaca que os dois primeiros são obrigatórios e o último é uma ajuda que pode fazer a diferença.

Mas como poderíamos selecionar as primeiras áreas de atuação dos insurgentes? Galula (1964) afirma que a busca deve ser por locais onde as forças do governo não podem controlar facilmente, permitindo, com isso, a sobrevivência e desenvolvimento do movimento insurgente.

O autor ainda destaca quatro fatores de seleção. São eles: locais onde a aderência da população ao movimento já tenha sido alcançada; afastados de centros de poder do contrainsurgente; com terreno inacessível e comunicações deficientes; e onde a sua localização em ambos os lados das fronteiras torna difícil às forças do governo coordenar ações contra o movimento (GALULA, 1964).

Levando-se em consideração o exposto, percebemos a importância dos pré-requisitos para o sucesso da insurgência, destacando as condições geográficas, base deste estudo, que, se utilizadas de forma a apoiar as ações de cada oponente, trarão resultados favoráveis.

Na próxima seção, nos voltaremos, especificamente, para a estratégia da contrainsurgência, descrevendo as quatro leis segundo Galula.

¹⁴ No original em inglês: “insurgency as international and transnational politics by other means”.

2.4 A CONTRAINSURGÊNCIA COM AS SUAS QUATRO LEIS

Nesta seção vamos abordar as quatro leis postuladas por Galula para a contrainsurgência. Apesar de não haver uma relação direta com as condições geográficas, objeto de estudo, observaremos que há uma relação indireta, visto que as referidas leis resumem a importância da população, que também é uma das variáveis das condições geográficas, quando associadas à sua densidade e distribuição no território, conforme visto. Com isso, teremos um maior entendimento dessa variável, que será ainda mais aprofundada na próxima seção.

Contudo, antes de entrarmos nas leis da contrainsurgência, torna-se mister diferenciarmos guerra revolucionária “fria” de guerra revolucionária “quente” e a guerra convencional de contrainsurgência.

Galula (1964) divide a guerra revolucionária em dois períodos: guerra revolucionária “fria”, quando as ações do insurgente permanecem, em geral, legal e não violento; e guerra revolucionária “quente”, quando as ações se tornam abertamente ilegais e violentas.

Uma vez que o propósito deste trabalho é confrontar a realidade histórica da OEF com o modelo teórico de David Galula, essa análise deter-se-á em relação à guerra revolucionária “quente”, visto que esse era o cenário encontrado pelos norte-americanos ao chegarem no Afeganistão.

Na estratégia da guerra convencional, o objetivo é o território inimigo, juntamente com a destruição de suas forças. Já na contrainsurgência é diferente, pois o inimigo não possui território definido e se recusa a lutar por ele. As forças insurgentes são confundidas com a população, tornando difícil a sua localização, crescendo de importância o papel da inteligência (GALULA, 1964).

Em sua teoria, Galula postulou quatro leis para abordar a contrainsurgência. A primeira delas é a importância do apoio da população, tanto para o insurgente, quanto para o contrainsurgente. O principal desafio do contrainsurgente é a limpeza e manutenção de determinada área, mas isso só é possível com o apoio da população, caso contrário, os insurgentes poderão retornar e atuar novamente com suas células políticas (GALULA, 1964).

A segunda lei consiste no apoio que é obtido por meio de uma minoria ativa. Em qualquer situação, seja qual for a causa, haverá uma minoria ativa a favor do contrainsurgente, uma maioria neutra e uma minoria contra. A técnica consiste em fazer com que a minoria ativa angarie o apoio da maioria neutra e neutralize a minoria contrária (GALULA, 1964).

Diante do apresentado na segunda lei, Galula (1964) afirma que quanto melhor a causa, maior será a maioria ativa favorável e mais fácil será a sua tarefa, crescendo de importância o papel da mídia, mostrando as vantagens da sua causa em detrimento daquela que o insurgente defende.

Com isso, as forças contrainsurgentes, em conjunto com o governo local, deverão apresentar motivos para que, com apoio da minoria ativa, a maioria neutra passe a apoiar as forças regulares.

Analisando a terceira lei, observamos que o apoio da população é condicional. A minoria favorável não irá emergir enquanto estiver ameaçada por membros do movimento insurgente. Para isso, a força contrainsurgente necessita alcançar um sucesso convincente o mais cedo possível a fim de demonstrar que possui vontade, meios e capacidade para vencer (GALULA, 1964).

Na guerra revolucionária, a força deve ser avaliada pela extensão do apoio à população, medida em termos de organização política nas bases. O contrainsurgente atinge uma posição de superioridade quando seu poder é corporificado em uma organização política que emana e é firmemente apoiada pela população (GALULA, 1964).

A quarta lei aponta que a intensidade de esforços e a magnitude dos meios são essenciais. De acordo com Galula, as operações necessárias para libertar a população da ameaça do insurgente, de forma a convencê-los que a força contrainsurgente os vencerá, será necessariamente longa, exigindo grande concentração de esforços, recursos e pessoal. Isso significa que as ações não devem ser diluídas em todo o país, mas devem ser aplicadas sucessivamente área por área (GALULA, 1964).

Fica evidente nas quatro leis apresentadas, que a população deve ser o esforço principal da contrainsurgência, pois ela garantirá a vitória ou o fracasso. Diante disso, tornam-se necessários que os esforços políticos e militares sejam convergidos para a obtenção de seu apoio.

Ressaltamos, como já mencionado, que o combate à insurgência foge dos padrões rígidos estabelecidos pela guerra convencional. As tropas devem estar preparadas para atuarem em um novo tipo de ambiente, mais complexo e em constante mutação, no qual busca-se um combate com abordagem indireta, angariando o apoio da população; em detrimento do “choque e fogo” da abordagem direta da guerra convencional.

A seguir, voltaremos analisar a importância das condições geográficas, entretanto, voltando-se para a tática do contrainsurgente, particularmente na seleção de áreas para que possam obter sucesso na operação.

2.5 OS FATORES TÁTICOS PARA A SELEÇÃO DA ÁREA DE ATUAÇÃO

Segundo Galula (1964), na seleção da área de atuação, os fatores táticos habitualmente levados em consideração na guerra convencional também são válidos no combate aos insurgentes, como terreno e clima.

Com isso, a força contrainsurgente deve ter atenção especial para, se possível, identificar áreas que possam ser facilmente isoladas e compartimentadas, aproveitando-se de

obstáculos naturais. Ressaltamos, como dito na seção 2.3, que as montanhas, pântanos, florestas e desertos não são obstáculos para os insurgentes, mas seu terreno favorito (GALULA, 1964).

Uma vez que o apoio da população tem grande relevância para a obtenção do sucesso no combate aos insurgentes, conforme visto na seção anterior, os fatores que lhe pertencem possuem importância particular para selecionarmos a melhor área de atuação, podendo ser objetivos e subjetivos (GALULA, 1964).

Em relação aos fatores objetivos, a análise deverá contemplar o tamanho populacional e a sua distribuição no território. Quanto maior a população e quanto mais dispersa, mais difícil de protegê-la e controlá-la (GALULA, 1964), necessitando de um maior efetivo da força contrainsurgente.

Observamos, com isso, que os fatores objetivos estão relacionados à variável população das condições geográficas analisadas por Galula, sendo, dessa forma, um pré-requisito. Destarte, as forças regulares devem optar por áreas que possam realizar uma melhor proteção e controle da população.

Em relação aos fatores subjetivos, Galula afirma que uma análise política deve ser feita antes da atuação e mostra-se de grande importância para o contrainsurgente, pois mostrará como será a operacionalização em cada área. Um estudo de como a população enxerga seus oponentes, sejam eles insurgentes ou contrainsurgentes; e como os líderes locais influenciam os moradores será de grande valia para a obtenção do sucesso (GALULA, 1964).

Como forma de sintetizar a teoria apresentada por Galula, observamos que o foco principal das forças antagônicas deve ser a população. A força contrainsurgente deve, até antes da atuação, realizar seu planejamento com uma análise política embasada, buscando encontrar lideranças e a minoria ativa favorável. Deve, ainda, concentrar esforços políticos e militares visando diminuir a influência do movimento insurgente.

Ainda sintetizando sua obra, o autor dá grande importância às condições geográficas, que assim como numa guerra convencional, no combate à insurgência pode ser um fator preponderante para a vitória.

Vale aqui, reforçar a importância do estudo e planejamento dessas condições para a operação como um todo. Citando exemplos, o treinamento e instruções das forças de contrainsurgência deverão levar em consideração o tipo de ambiente operacional que irão se deparar; a composição das forças deverá atentar para a configuração da área de atuação, se for continental, com extensas fronteiras, deve-se priorizar forças terrestres, ao passo que se for insular, deve-se priorizar o esforço da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais.

Galula (1964) afirma que as insurgências tiveram origem em duas causas principais: a ascensão do nacionalismo em territórios coloniais e por pressão comunista. Porém, pelo fato do livro ter sido escrito em 1964, não foram abordados os movimentos religiosos e ideológicos transnacionais, que representam o caso do Afeganistão, sendo abordado no próximo capítulo.

3 ANÁLISE DA OEF ENTRE 2001 E 2006

No dia 11 de setembro de 2001, o mundo testemunhou pelos canais de televisão, de forma instantânea, um enorme ataque estrangeiro em solo norte-americano. De forma diferente do que poderíamos esperar, uma série de ataques suicidas coordenados ocorreram na manhã desse dia, onde 19 extremistas sequestraram quatro aviões comerciais de passageiros e colidiram intencionalmente contra símbolos importantes do país.

Os dois primeiros aviões atingiram as Torres Gêmeas, do complexo empresarial *World Trade Center*, um dos maiores símbolos do poder econômico norte-americano, desmoronando em poucos minutos. O terceiro avião colidiu com o Pentágono, sede do Departamento de Defesa e símbolo do poder militar, e o quarto avião caiu em um campo aberto próximo de *Shanksville*, na Pensilvânia (VISACRO, 2009).

Em resposta a esse ataque, o então presidente norte-americano George W. Bush (1946-) declarou “guerra global contra o terror” e invadiu o Afeganistão, lançando a OEF (VISACRO, 2009).

Todavia, antes de analisarmos o conflito e a sua relação com as variáveis geográficas em estudo, faremos uma breve contextualização sobre o Afeganistão, para que possamos melhor entender sua história, destacando uma retrospectiva sobre os complexos conflitos que já ocorreram em solo afegão; e melhor entendermos como e de onde surgiu o movimento insurgente, que tanto atemoriza a população ocidental.

Portanto, este capítulo será dividido em sete seções, a primeira será destinada aos principais antecedentes históricos; a segunda, à origem do movimento insurgente; e a terceira, ao estudo das condições geográficas gerais do Afeganistão.

Já na quarta, quinta e sexta seções, estudaremos as variáveis geográficas, escopo deste trabalho – fronteiras internacionais, configuração e localização; clima e terreno; e

tamanho, população e economia, respectivamente. Por fim, faremos, na sétima seção, um estudo da análise interativa das variáveis abordadas.

Como já dito na introdução deste trabalho, nosso estudo tem como delimitação um dos pré-requisitos apresentados por Galula para que a insurgência seja bem-sucedida, que são as condições geográficas e como essas influenciaram na OEF, permitindo ao movimento insurgente, com poder de combate inferior, infringir pesadas baixas às tropas regulares, e consequentemente, impedindo a sua vitória.

3.1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS EM SOLO AFEGÃO

O povo afegão já tem entranhado em sua cultura os conflitos, pois a história desses no Afeganistão vem de períodos muito distantes. Por volta de 330 antes de Cristo, Alexandre o Grande (356-323 a.C) e seu poderoso exército sofreram perdas enormes em batalhas contra tribos afegãs, não obtendo, com isso, sucesso em conquistar a região. Desde então, o povo tem convivido com intensas disputas de diversos invasores no decorrer dos séculos (JONES, 2009).

Já podemos observar, no conflito acima, o que será decorrente nos séculos seguintes, exércitos com capacidades tecnicamente superiores tendo perdas consideráveis contra um inimigo essencialmente tribal e rudimentar, considerado inferior e utilizando-se de seu ambiente operacional com predominância de montanhas. Corroborando com a nossa análise, Jones (2009) reforça que a região foi problemática para conquistadores lendários como Genghis Khan (1162-1227).

Ao longo da história da humanidade, persas, gregos, hunos, mongóis, árabes e turcos, marcharam sobre o território que hoje é o Afeganistão, estrategicamente localizado em uma rota de conquista entre o Oriente Médio, a Ásia Central, Índia e China. Em virtude dessas circunstâncias, suas fronteiras foram estabelecidas arbitrariamente, com limites impostos para atender interesses de Estados vizinhos (VISACRO, 2009).

O Estado Moderno do Afeganistão foi fundado em meados do século XVIII por Ahmad Shah Durrani (1722-1772), que unificou as diferentes tribos das regiões dos *Pashtun*¹⁵, nordeste do Irã e oeste da Índia (JONES, 2009).

No século XIX, soviéticos e britânicos iniciaram uma disputa política e diplomática na região, que ficou conhecida como o Grande Jogo (1839-1919), que usou o Afeganistão como “Estado-tampão” na luta entre seus impérios. O resultado dessa disputa foram as três guerras anglo-afegãs¹⁶ que ocorreram entre 1839 e 1919, com o intuito de conter a influência russa. No entanto, em 1919, após frustradas tentativas de dominação, os britânicos reconheceram formalmente a independência do Afeganistão (JONES, 2009).

Algumas décadas de relativa estabilidade prevaleceram antes que a hostilidade política da Guerra Fria trouxesse novamente a competição pela influência sobre o Afeganistão (LOWE, 2014). A partir da década de 70, o país passa a ter sinais de colapso, com surgimento de revoltas anticomunistas, que colocaram em risco a sobrevivência da República Democrática do Afeganistão (VISACRO, 2009).

Diante da vulnerável posição do governo afegão e com o pretexto de preservar o governo comunista em Cabul, a ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1979, invade o Afeganistão e expande sua influência sobre o imenso continente asiático (VISACRO, 2009).

Os soviéticos sofreram destino semelhante dos britânicos, seis décadas depois. A invasão da ex-URSS encontrou forte resistência do povo afegão, que foi patrocinada por diversos países, como EUA, Arábia Saudita e Paquistão, que viam a expansão soviética como

¹⁵ Porção que hoje é o Paquistão.

¹⁶ Os britânicos tentaram várias estratégias contra as tribos *pashtuns*, dentre elas, massacrar tribos indisciplinadas e depois pacificar novas áreas, porém não conseguiram conquistar o país, o que levou Winston L. S. Churchill a se referir aos homens da tribo como “uma raça corajosa e guerreira” (JONES, 2009).

ameaça (VISACRO, 2009). A Resistência *mujahidin*¹⁷ foi tão grande que milhares de combatentes, de ambos os lados, morreram (JONES, 2009).

Outros países também contribuíram com voluntários para a guerra, pois a *jihad*¹⁸ afegã tornou-se uma grande inspiração que uniu os radicais islâmicos. Os muçumanos entendiam que a intervenção soviética era uma invasão do território do Islã por pecadores e ateus, tornando possível proclamar uma *jihad* defensiva de acordo com a *sharia*¹⁹, obrigando todos os muçumanos a lutar (JONES, 2009).

Sem condições de romper com a barreira cultural que os separavam do povo afegão, amargando sucessivos insucessos contra a resistência *mujahidin*, defrontando-se com o custo crescente da guerra, tanto monetários quanto de vidas humanas, a ex-URSS optou por adotar postura mais agressiva, fomentando o ressentimento contra a ocupação militar soviética e fortalecendo o movimento de insurgência. Com isso, aumentou o distanciamento com a população afegã, desrespeitando o pressuposto básico da contrainsurgência, que é o apoio da população (VISACRO, 2009).

Diante do entendimento que sua superioridade bélica em guerra convencional seria suficiente, os soviéticos negligenciaram a primeira lei de Galula²⁰, levando, assim, a sua derrocada, que foi solidificada, segundo Visacro (2009), em 1989, com a retirada completa de suas tropas do Afeganistão no dia 15 de fevereiro.

A derrota de mais uma potência, como a ex-URSS, diante das tribos afegãs, demonstra que a superioridade de meios, tanto em pessoal como tecnológico, de seus Exércitos convencionais, não foi suficiente para sobrepujar um inimigo irregular e de inferior poder de

¹⁷ *Mujahidin* é uma expressão para designar os guerreiros santos. Considerado um grupo extremista fundamentado no pragmatismo do islamismo político militante (VISACRO, 2009).

¹⁸ *Jihad* é um termo árabe que significa guerra santa muçumana, luta armada contra os inimigos do Islã. Disponível em < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Jihad>>. Acesso em 05 jul. 2021.

¹⁹ *Sharia* é um conjunto de leis do islamismo, baseado no Alcorão e nos ensinamentos do profeta Maomé (570-632). Essas leis regem todos os aspectos da vida de um muçumano e restabelecem regras e princípios. Disponível em < <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sharia>>. Acesso em 05 jul. 2021.

²⁰ Conforme consta no segundo capítulo deste trabalho, a primeira lei de Galula é a importância do apoio da população, tanto para o insurgente, quanto para o contrainsurgente.

combate, porém, disperso e conhecedor de sua geografia. Na próxima seção abordaremos as condições que levaram ao surgimento da insurgência no Afeganistão.

3.2 O SURGIMENTO DO MOVIMENTO INSURGENTE

Segundo Visacro (2009), o Afeganistão parece uma “colcha de retalho étnica”, com uma pequena identidade nacional e uma organização social estruturada em uma infinidade de tribos, muitas delas com longa tradição de rivalidade e antagonismo.

Com 14 etnias reconhecidas²¹, os *pashtuns* formam a maior delas e vivem principalmente nas partes sul e sudeste do Afeganistão, sendo divididos pela fronteira com o Paquistão, onde concentra-se sua maioria. Os *tadjiques* são a segunda maior tribo, habitando o norte e nordeste do país e possuem laços étnicos com o Tajiquistão. Os *hazaras* são o terceiro maior grupo, de origem mongol, representam 10% da população, vivem no centro do país, na região montanhosa a noroeste de Cabul e mantém forte relacionamento com o Irã. Já os *uzbeques*, quarta maior tribo, possuem origem *uzbeque* e russa (HAMMES, 2006). As demais tribos são mostradas na FIG. 1 (ANEXO A).

Diante do cenário apresentado, um país fracionado extremamente pobre, com diversas tribos de etnias diferentes, tradicionais e em alguns casos, até rivais e com forte influência dos países vizinhos, apresenta condições ideais para o surgimento da insurgência.

A retirada das forças soviéticas em 1989, a perda de mais de 1,5 milhão de pessoas no conflito e o abandono do Afeganistão pelo Ocidente deixaram o país em total desordem. A situação ficou ainda pior quando um golpe devastador, liderado por forças *tadjiques*, depõe do poder a comunidade *pashtuns*, que governava há mais de 300 anos (MARSTON, 2008).

A população civil foi a que mais sofreu. Diante desse cenário, surge nas áreas tribais *pashtuns* do Paquistão, dentre os afegãos refugiados, o Talibã, recebendo apoio de ambos os

²¹ A Constituição do Afeganistão de 2004 reconhece 14 grupos étnicos. São eles: *pashtun*, *tadjique*, *hazara*, *uzbeque*, *baloch*, *turcomano*, *nuristani*, *pamiri*, árabe, *gujar*, *brahui*, *qizilbash*, *aimaq* e *pashai* (CIA, 2021).

lados da fronteira. Mais do que um movimento político, o Talibã tinha como objetivo restaurar a paz, fazer cumprir a lei *sharia*, desarmar a população e defender a integridade e caráter islâmico do Afeganistão. Porém, para atingir seus objetivos, o Talibã impôs punições brutais àqueles que não seguiam seus *modus operandi* e sua própria interpretação restrita do Islã (MARSTON, 2008).

Em 1996, Osama Bin Laden (1957-2011) refugiou-se no Afeganistão e teve permissão para construir e dirigir campos de treinamento para estrangeiros da *Al-Qaeda*, na qual era líder e fundador. Em troca, apoiou o esforço de guerra do Talibã, com recursos financeiros e efetivos, para lutar nas linhas de frente. Apesar da pressão norte-americana e da comunidade internacional em relação aos centros de treinamentos, o Talibã não interferiu (MARSTON, 2008).

Em 2000, o Afeganistão era dividido entre o Talibã e a Frente de Salvação Islâmica, também conhecida como Aliança do Norte, que se formou em 1996, ocupava cerca de 15% do país e recebia o apoio da Rússia, Tadjiquistão, Irã e Índia. Já o Talibã, era apoiado pela Arábia Saudita e Paquistão (MARSTON, 2008).

Após os ataques de 11 de setembro, o presidente norte-americano Bush pediu ao Talibã que entregasse Bin Laden e qualquer outra liderança da *Al-Qaeda* que estivesse no Afeganistão, porém o pedido foi recusado (MARSTON, 2008).

Diante disso, no dia 07 de outubro de 2001, com a ajuda do Reino Unido e liderada pelos norte-americanos, iniciou-se a OEF, inicialmente com uma campanha de bombardeios às regiões do Talibã. A campanha visava, principalmente, expulsar a *Al-Qaeda* do Afeganistão e capturar Bin Laden. Em menos de três meses, os EUA e seus aliados, incluindo a Aliança do Norte, derrotaram um Exército do Talibã estimado entre 50.000 e 60.000 combatentes (JONES, 2009).

Os combatentes do Talibã e *Al-Qaeda* começaram a fazer uso do terreno, ocultando-se nas montanhas ao leste e ao sul, com isso, a campanha militar passou a ter um estilo mais convencional, com inúmeros bombardeios e operações para localizar e eliminar o inimigo, porém sem evidências de sucesso (MARSTON, 2008).

Apesar do sucesso da campanha inicial, os EUA não souberam aproveitar o momento. Em 2006, as tensões aumentaram drasticamente e o Afeganistão foi inundado em uma convulsão política, gerando uma enorme crise. Com isso, o Paquistão emergiu como santuário para o Talibã e *Al-Qaeda*, permitindo realizar um maior número de operações a partir de bases localizadas na fronteira (JONES, 2006).

Em 2006 as pressões chegaram ao auge quando o Talibã, combatentes estrangeiros, grupos criminosos e uma série de milícias tribais afegãs e paquistanesas iniciaram um esforço para derrubar os EUA e seus aliados (JONES, 2009).

A insurgência afegã rapidamente deu o salto para a violência extrema e o apoio externo foi primordial nessa escalada. Os insurgentes no Afeganistão e no Paquistão importaram bombardeios suicidas, *improvised explosive devices* (IED)²² e estratégias de comunicação global do Iraque e outros campos de batalha, como o *Hezbollah* no Líbano. Além disso, a *Al-Qaeda* conseguiu restabelecer sua base explorando a fraqueza do Estado paquistanês no cinturão tribal *pashtun* (JONES, 2009).

Com a perda da oportunidade de derrotar completamente o Talibã e a *Al-Qaeda*, os EUA empurram as lideranças centrais para fora do Afeganistão. Com isso, em 2006 uma insurgência de corpo inteiro havia se desenvolvido. O número de ataques realizados por insurgentes aumentou 400% comparando 2002 com 2006, e o número de mortes por esses ataques aumentou mais de 800% durante o mesmo período. O número de ataques suicidas

²² Dispositivos explosivos improvisados (tradução nossa).

quadruplicou, os atentados detonados remotamente mais que dobraram e os ataques armados quase triplicaram entre 2005 e 2006 (JONES, 2009).

A deterioração da segurança do Afeganistão era tão grande que as forças afegãs não tinham como garantir a segurança dos moradores das pequenas aldeias nas áreas rurais (JONES, 2009).

Como podemos observar, em um momento inicial, os EUA e seus aliados rapidamente obtiveram sucesso diante das tropas insurgentes, porém, perderam a oportunidade de eliminá-los, e pagaram um preço alto por isso.

Como durante toda a história afegã, imponentes Exércitos convencionais, como o de Alexandre o Grande, o dos britânicos e o dos soviéticos, se curvaram para combatentes irregulares e tribais. E com os EUA não foram diferentes. Com a mudança da trajetória do conflito, os insurgentes se agigantaram e infringiram pesadas baixas às tropas contrainsurgentes, como demonstrados nos dados acima de 2005 e 2006.

Vários foram os motivos para essa reviravolta, como exemplo, a existência de uma causa por parte dos insurgentes, identificado por Galula como um dos pré-requisitos para que os insurgentes obtenham sucesso. Porém, o uso judicioso das condições geográficas, também um dos pré-requisitos de Galula, foi essencial para o sucesso obtido pelos combatentes do Talibã e seus aliados.

Diante do exposto, na próxima seção abordaremos as condições geográficas gerais do Afeganistão, para posteriormente, analisarmos cada variável das condições geográficas.

3.3 CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS GERAIS DO AFEGANISTÃO

Iniciamos esta seção com uma frase que traduz claramente a importância das condições geográficas do Afeganistão para a OEF: “a falta de atenção em relação à geografia é

lamentável, pois ela foi o fator crucial para o fracasso de conter a onda de ímpeto do Talibã” (FORD, 2015, p. 2, tradução nossa)²³.

De acordo com Lowe (2014), o Afeganistão é país sem litoral, acidentado e montanhoso situado na encruzilhada do Oriente Médio, o subcontinente indiano e a Ásia Central. A geopolítica parece estar no centro do conflito nesse país, uma vez que a instabilidade da nação é motivo de preocupação para muitos outros países. Atualmente, o Afeganistão compartilha seus 5.400 km de fronteira com seis outros países – Paquistão, Irã, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e China, como mostra a FIG. 2 (ANEXO B).

Muitos de seus vizinhos mostraram desejos expansionistas no passado com o objetivo de colocar o Afeganistão sob sua esfera de influência ou mesmo controle total. No entanto, o cenário físico desafiador do país tornou muito difícil o controle das forças invasoras. Grande parte do sudoeste do Afeganistão é coberto por um deserto. O clima também é extremo, com o frio intenso e neve no inverno, contrastando com o calor escaldante dos meses de verão (LOWE, 2014).

As montanhas do *Hindu Kush* dominam o centro do Afeganistão, dificultando o transporte e garantindo que o controle das passagens nas montanhas seja crucial para uma invasão bem-sucedida (LOWE, 2014).

De acordo com a *Central Intelligence Agency*²⁴ (CIA, 2021)²⁵, as referidas montanhas, que se estendem de nordeste a sudoeste, dividem as províncias do norte do resto do país, com a população concentrada em seu sopé e periferia. Em geral, o leste é mais densamente povoado, enquanto o sul é pouco povoado. É um país predominantemente rural, com taxa de urbanização de apenas 26,3%, sendo a maior população concentrada em sua capital, Cabul.

²³ No original em inglês: “The paucity of attention is unfortunate because geography was a crucial factor in the failure of the surge to stem the Taliban’s momentum”.

²⁴ Agência Central de Inteligência (tradução nossa).

²⁵ Disponível em < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/afghanistan>>. Acesso em 06 jul. 2021.

Tudo isso, corrobora para que o Afeganistão seja um país extremamente pobre e dependente de ajuda externa.

Nas três próximas seções, continuaremos a abordagem das condições geográficas, porém, agora, se aprofundando nas variáveis fronteiras internacionais, localização, configuração, terreno, clima, tamanho, população e economia, apresentadas por Galula.

3.4 FRONTEIRAS INTERNACIONAIS, LOCALIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO

Iniciando com a variável fronteiras internacionais, a presença de países limítrofes que apoie a causa dos insurgentes é um fator de força a ser considerado. No Afeganistão, isso ficou muito bem evidenciado com todo o apoio dado pelos paquistaneses.

Como já mencionado, apesar da vitória inicial dos norte-americanos e seus aliados, que quase dizimaram os membros do Talibã, seus líderes conseguiram refugiar-se na fronteira com o Paquistão, onde encontraram maior segurança, com possibilidades de montar bases, planejar, realizar treinamentos e controlar suas operações contra o inimigo externo e, em grande parte, fora do alcance do poder militar contrainsurgente (FORD, 2015).

O Exército Paquistanês chegou a fazer alguns esforços para controlar as áreas tribais de seu país, em grande parte devido à pressão dos norte-americanos, porém o governo do Paquistão foi conivente com as áreas do Talibã ali instaladas. Em suma, depois de apoiar a invasão do Afeganistão pelos norte-americanos, voltou atrás e passou a apoiar o movimento insurgente. Os EUA chegaram a lançar ataques com aeronaves remotamente pilotadas contra a *Al-Qaeda* no lado paquistanês, visto que as fortalezas insurgentes estavam imunes às operações terrestres (FORD, 2015).

Ford (2015) ressalta, ainda, que um dos *modus operandi* das forças do Talibã foi atacar as tropas de contrainsurgentes a partir da fronteira e retirar-se, retraindo para o Paquistão com o objetivo de aumentar o poder de combate e planejar as próximas ações.

Analisando, em conjunto, as variáveis configuração e localização, o Afeganistão, conforme já exposto, possui fronteiras arredondadas e sem litoral, gerando, assim, uma dificuldade de ser compartimentado, e com isso, prejudicando a “limpeza” por parte das tropas regulares. A sua localização, entre o Oriente Médio, subcontinente indiano e Ásia Central, com países vizinhos favoráveis à insurgência, faz com que os combatentes do Talibã busquem refúgios seguros, o que permite à insurgência ser apoiada com maior facilidade (FORD, 2015).

3.5 TERRENO E CLIMA

Em relação à variável terreno, verificamos que o Afeganistão é um dos países mais montanhosos do mundo²⁶, suas estradas são de péssima qualidade e as linhas férreas são inexistentes, especialmente no centro do país. Esse terreno de difícil acesso, com a infraestrutura de transporte deficiente, traz ao contrainsurgente um enorme obstáculo para acessar e, principalmente, controlar. Essa dificuldade se agrava com a variável clima, que é intensa durante todo ano, principalmente no inverno, quando as estradas ficam cobertas de neve e as montanhas ainda mais inacessíveis (FORD, 2015).

Jones (2009) cita a dificuldade encontrada pelos norte-americanos quando chegaram no Afeganistão, onde o terreno assumiu, naquele momento, relevância se comparado a outros fatores de decisão²⁷:

O terreno e as suas condições eram diferentes de tudo que os americanos já tinham visto. Eles se viram atravessando caminhos de montanha íngremes próximos a precipícios de mil pés. Mesmo os veículos com tração nas quatro rodas não podiam manobrar com eficácia nas sinuosas trilhas das montanhas, com isso, as forças militares e de inteligência usaram cavalos afegãos para transportar seus equipamentos. Muitos dos americanos nunca haviam subido em um cavalo antes. Por causa dos declives acentuados, eles foram instruídos a manter um pé fora dos estribos para que, caso o cavalo tropeçasse, eles caíssem na trilha enquanto o cavalo escorregava do penhasco. Em áreas especialmente íngremes, as forças norte-americanas estavam

²⁶ Ver FIG. 3 (ANEXO C).

²⁷ Os fatores de decisão são análises que devem ser feitas por afetar o cumprimento das tarefas impostas e assumidas. O Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil faz uso dos seguintes fatores de decisão: missão, inimigo, terreno, meios e tempo disponível (BRASIL, 2020).

preparadas para atirar em qualquer cavalo tropeçando, antes que pudesse arrastar seu cavaleiro para a morte (JONES, 2009, p. 90, tradução nossa)²⁸.

Essa dificuldade de movimentar-se, trazia sérios problemas para ambos os oponentes, porém, muito mais acentuado para as tropas contrainsurgentes, visto que os combatentes do Talibã se infiltravam em meio à população. Tudo isso fica mais acentuado a partir de 2002, quando foram criadas as *Provincial Reconstruction Team*²⁹ (PRT)³⁰, que atuavam em províncias remotas do Afeganistão, particularmente aquelas que tinham altos índices de violência. Em 2006, havia 26 PRT operando em todo o Afeganistão (LOWE, 2014).

Com toda essa estrutura espalhada pelo país e necessitando de recebimento de todos os tipos de suprimentos, a logística passou a ser um grande desafio, em virtude, como já citado, das características do terreno – montanhoso, com estradas em péssimas condições, em inclinações íngremes e com curvas acentuadas – associadas ao clima intenso (BETSON, 2012).

Podemos observar, ainda, a forma judiciosa como os insurgentes fizeram uso da variável terreno, em relação às montanhas, cavernas e túneis subterrâneos, em grande abundância no país principalmente ao leste e sul, permitindo a reorganização e até utilização como posições defensivas³¹ e de ataque, sendo, com isso, primordial no reerguimento do Talibã após a vitória inicial das tropas regulares (MARSTON, 2008).

²⁸ No original em inglês: “The terrain and conditions were unlike anything the Americans had ever seen. They found themselves traversing steep mountain paths next to thousand-foot precipices. Since even four-wheel-drive vehicles couldn’t effectively maneuver on the winding mountain trails, military and intelligence forces used Afghan horses to haul their equipment. Many of the Americans had never been on a horse before. Because of the sheer drop-offs, they were told to keep one foot out of the stirrups so that if the horse stumbled, they would fall onto the trail as the horse slid off the cliff. In especially steep areas, U.S. forces were prepared to shoot any stumbling horse before it could drag its rider to his death”.

²⁹ Equipes de Reconstrução Provincial (tradução nossa).

³⁰ As PRT estão inseridas no contexto das operações civis-militares e tiveram um impacto significativo na prática da contrainsurgência no Afeganistão. Seu principal objetivo era fornecer reconstrução, governança e segurança para as populações de locais auspícios, melhorando a autoridade do governo afegão, com equipes combinadas de pessoal civil e militar (MARSTON, 2008).

³¹ Ver FIG. 4 (ANEXO D).

Uma das consequências desse fator de força por parte dos insurgentes, foi o desencadeamento da Operação *Mountain Sweep*³², em agosto de 2002, que envolveu a busca sistemática a fugitivos da *Al Qaeda* e Talibã (JONES, 2009).

Outra forma de aproveitamento da variável terreno foi a produção de ópio, que esteve profundamente arraigado no conflito no Afeganistão, pois os lucros gerados pela heroína foram usados para financiar o Talibã e a *Al Qaeda*. Além disso, vale frisar, que o seu cultivo e comércio impulsiona a enorme corrupção, que é tão corrosiva para a sociedade civil no Afeganistão (ROWLATT, 2019)³³.

Lowe (2014) corrobora ao afirmar que a colheita de ópio em 2004 teve um acréscimo de 2.400 toneladas, que equivalem a um aumento de 60% em relação ao ano de 2003, justamente no momento em que estavam aumentando os ataques contra as tropas da coalizão.

3.6 TAMANHO, POPULAÇÃO E ECONOMIA

Analisando a variável tamanho, o Afeganistão é um país de grandes proporções, o que dificulta o controle por parte das tropas regulares, conforme mencionado. Essa variável, quando associada à população, afeta ainda mais ambos os oponentes, pois quanto mais dispersa ela esteja, melhor para o insurgente, sendo o número de tropas necessário para garantir a segurança à população, condicionado ao tamanho de sua área geográfica e de sua população (FORD, 2015).

Segundo a CIA (2021)³⁴, o Afeganistão possuía, em 2015, uma população de 37 milhões de habitantes, vivendo espalhados por uma área de 652.000 Km², com apenas 26,3% vivendo em cidades. É um dos países mais rurais do mundo e sua população está distribuída

³² Varredura nas montanhas (tradução nossa).

³³ Disponível em <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-47861444>>. Acesso em 14 jun. 2021.

³⁴ Disponível em <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/afghanistan>>. Acesso em 16 jul. 2021.

uniformemente em todo o país, não havendo praticamente lugar algum onde os afegãos não vivam (FORD, 2015).

Vivendo em locais mais distantes e inóspitos, as forças regulares não conseguem oferecer segurança para toda a população porque não podem manter presença em todas as vilas rurais nas montanhas do país (FORD, 2015).

Finalizando as variáveis das condições geográficas, a economia possui grande influência no movimento insurgente, pois quanto mais pobre e subdesenvolvido, mais vulnerável para a insurgência. Conforme já mencionado, o Afeganistão é um país extremamente pobre, com infraestrutura precária, o que pode ser demonstrado pelas rodovias e ferrovias, em péssimas condições ou até inexistentes.

Além disso, um dado que corrobora com o mencionado é o déficit comercial do país, de aproximadamente 31% do Produto Interno Bruto (PIB) e altamente dependente de financiamento por meio de doações e ajuda externa (CIA, 2021).

A seguir, veremos como se comportaram as variáveis selecionadas na operação OEF, observando a interação entre elas.

3.7 ANÁLISE INTERATIVA DAS VARIÁVEIS ABORDADAS

A rápida vitória inicial, em 2001, por parte das tropas norte-americanas, quase eliminou o movimento Talibã. Porém, as condições geográficas foram os alicerces da retomada de força dos insurgentes, que em 2006 tinham equilibrado o conflito e infringido pesadas baixas às tropas regulares.

Com Forças Armadas altamente capacitadas, fazendo uso de tecnologia de ponta e com poder de combate superior, as tropas da coalizão tiveram dificuldades diante de um inimigo conhecedor das condições geográficas e que fazia bom uso da interação dessas condições.

Localizado no centro da Ásia, fazendo fronteira com países de culturas próximas e simpatizantes à causa insurgente, principalmente o Paquistão – origem do Talibã e Al-Qaeda – o Afeganistão, como já mencionado, é um país sem litoral e em formato arredondado, o que facilitou o movimento dos insurgentes de um lado para outro da fronteira, possibilitando, junto ao Paquistão, o aumento de poder de combate, reorganização, treinamento e planejamento para possíveis ataques, dentre outros benefícios.

O terreno desértico e montanhoso em sua maior parte, principalmente na fronteira com o Paquistão, proporcionou aos insurgentes abrigar-se em montanhas, cavernas e túneis, dificultando ainda mais a varredura por parte das tropas da coalisão. Com enorme dificuldade de locomoção, em virtude das condições do terreno, as poucas estradas estavam em péssimas condições e canalizavam o movimento dos comboios, dificultando o canal logístico.

Com clima extremo na maior parte do ano, essas estradas ficaram ainda mais precárias, e algumas até desapareciam. Diante desse cenário, somados à falta de um porto de águas profundas, surgiram as condições ideais para a utilização, por parte dos insurgentes, de ataques suicidas, e principalmente do IED³⁵ (LOWE, 2014).

O referido dispositivo foi muito eficaz contra os comboios e trouxe grande temor às forças da coalisão, em virtude da grande quantidade de mortes associadas ao seu uso, principalmente quando atuando conjuntamente com o ataque suicida (LOWE, 2014).

Em virtude do apresentado, houve uma dependência de meios aéreos por parte da tropa contrainsurgente, para movimentar seus víveres e equipamentos às diversas áreas inóspitas (BETSON, 2012).

Outro fator de grande importância para o sucesso parcial dos insurgentes foi o investimento para a sua causa, que vinha das fronteiras, através de apoio externo; e do cultivo

³⁵ Ver FIGURA 5 (ANEXO E).

e venda do ópio, que segundo GALL (2006), representavam em 2006, 92% da produção mundial total.

Tudo isso é reforçado pelo fato de o Afeganistão ser extremamente pobre, de grandes dimensões e com a população vivendo em sua maioria nas vilas rurais, geraram solos férteis para que o movimento insurgente prosperasse.

No próximo capítulo, analisaremos se a realidade histórica estudada, a OEF de 2001 a 2006, teve ou não aderência às variáveis estudadas na teoria de David Galula, e de que maneira elas contribuíram ou não para o seu sucesso. No final, levantaremos o grau de importância de cada uma delas dentro desse modelo teórico.

4 CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS NA OEF X MODELO TEÓRICO GALULA

Nos capítulos anteriores, estudamos a teoria de David Galula, selecionando alguns aspectos que julgamos pertinentes, com ênfase no pré-requisito condições geográficas; e logo após, nosso estudo foi voltado para a influência dessas condições na OEF, entre os anos de 2001 e 2006.

Doravante, passaremos a comparar cada variável das condições geográficas com o modelo teórico selecionado, verificando se a realidade teve aderência ou não à teoria, apontando, ainda, a gradação e a importância de cada uma delas para a OEF.

Para melhor expor esses conhecimentos, dividiremos o capítulo em quatro seções. Sendo os três primeiros a comparação das variáveis – fronteiras internacionais, localização e configuração, na primeira seção; terreno e clima, na segunda; e tamanho, população e economia, na terceira. Por fim, analisaremos a importância de cada uma delas e mostraremos um quadro-resumo com a gradação da aderência, o contendor mais favorecido e o nível de importância.

4.1 OEF X FRONTEIRAS INTERNACIONAIS, LOCALIZAÇÃO E CONFIGURAÇÃO

Abordaremos, a partir desta seção, a relação de cada variável das condições geográficas de Galula estudadas no segundo capítulo, e sua utilização na OEF.

Começaremos nossa análise pelas fronteiras internacionais, onde Galula a apresenta diante de dois pontos: presença de vizinhos simpáticos ou não aos insurgentes; e a presença de grande proporção de linhas de costa até as fronteiras internas, que podem ajudar os contrainsurgentes, pois o tráfego marítimo poderia ser controlado com uma quantidade limitada de meios técnicos.

Em relação à OEF, verificamos que, apesar do regime do Talibã ter sido praticamente eliminado em 2001, esse foi um dos fatores mais importante para o seu

ressurgimento, pois os insurgentes fizeram uso de um verdadeiro santuário na fronteira com o Paquistão, com utilização de bases para descanso, planejamento, treinamentos e até para controlar suas operações. Já em relação ao segundo ponto analisado por Galula, não é considerado no caso do Afeganistão, por esse país não possuir mar, conseqüentemente, litoral.

Diante do exposto, concluímos em relação à variável fronteiras internacionais, que houve aderência parcial ao modelo teórico apresentado, favorecendo o movimento insurgente e sendo um grande desafio às tropas da coalizão, como reforçou Galula, ao citar que “as áreas de fronteira são uma fonte permanente de fraqueza para o contrainsurgente, quaisquer que sejam suas estruturas administrativas, e essa vantagem geralmente é explorada pelo insurgente” (GALULA, 1964, p. 23, tradução nossa)³⁶.

No que diz respeito à variável localização, o modelo teórico estudado cita que um país isolado por barreiras naturais, com mar e deserto, ou situados entre países que se opõe à insurgência, seria favorável ao contrainsurgente; do mesmo modo, em relação à variável configuração, um país que possa ser compartimentado traria vantagem ao contrainsurgente. Galula chegou a afirmar que a melhor condição para as tropas regulares seria um país com território que se projeta como pontas de uma estrela, pois os insurgentes seriam isolados e, com isso, eliminados.

Em relação ao Afeganistão, sua localização, entre o Oriente Médio, subcontinente indiano e Ásia Central, com países vizinhos, em especial o Paquistão, favoráveis à causa insurgente, traz vantagens para esses. Já em relação à configuração, por ser arredondado e sem litoral, gera uma dificuldade de ser compartimentado, e permite aos insurgentes procurarem, fora do país, refúgios seguros. Concluímos, então, em relação a essas duas variáveis, que houve aderência plena ao modelo teórico, porém mais uma vez, com vantagem para as tropas irregulares.

³⁶ No original em inglês: “The border areas are a permanent source of weakness for the counterinsurgent whatever his administrative structures, and this advantage is usually exploited by the insurgent”.

4.2 OEF X TERRENO E CLIMA

Sob a ótica da variável terreno, Galula afirma que quanto mais difícil e áspero, em virtude das montanhas escarpas e densos pântanos, melhor para o insurgente. Já em relação ao clima, o modelo teórico apresentado informa que quanto mais adverso, mais favorece o contrainsurgente, por possuir, via de regra, melhor logística, equipamentos e operação das instalações.

Observamos, na OEF, que a utilização do terreno de forma judiciosa, associado ao clima intenso, contribuíram com o aumento do poder de combate dos insurgentes. Por ser um dos países mais montanhosos do mundo; de terreno de difícil acesso; com estradas de péssima qualidade, principalmente no inverno; proporcionou ao contrainsurgente um enorme obstáculo para acessar e principalmente, controlar.

O terreno dificultoso foi prejudicial para ambos os oponentes, mas sendo mais gravado ao contrainsurgente por inúmeros fatos, dentre eles: dificuldade em fluir sua logística por todo o país, principalmente às posições do PRT; facilidade para os insurgentes buscarem abrigos nas montanhas, cavernas e túneis subterrâneos, utilizando esses, inclusive, como posições de defesa e ataque; e através do plantio do ópio, que foi fonte de financiamento ao movimento do Talibã e *Al-Qaeda*.

Concluimos, então, em relação à variável terreno, que houve plena aderência à teoria de Galula; porém em relação ao clima, não houve, pois favoreceu o insurgente, e não ao contrainsurgente, como afirmou o teórico.

4.3 OEF X TAMANHO, POPULAÇÃO E ECONOMIA

No que diz respeito à variável tamanho, a teoria ressalta que quanto maior o país, mais difícil para as forças do Estado controlar todo o território. Galula relaciona essa variável à população, realizando uma abordagem de que quanto maior o número de habitantes, associado

ao tamanho do país, mais difícil de controlá-los e até apoiá-los, necessitando de um maior efetivo das forças regulares para cumprir tais tarefas. O teórico cita ainda um importante fator de análise, que é a proporção entre as áreas rural e urbana, considerando que quanto maior for a rural, mais favorável será para o insurgente.

Vale, aqui, fazer uma associação entre a variável que está sendo analisada, com a primeira lei³⁷ apresentada por Galula, pois essa mostra a importância da população para ambos os oponentes, sendo ela, segundo o teórico, a chave para o sucesso. Ele entendeu que o papel das forças regulares é a proteção e controle da população, negando o seu acesso ao movimento insurgente. Diante disso, cresce de importância o seu tamanho e sua distribuição.

O Afeganistão, durante a OEF, possuía uma população de aproximadamente 31 milhões de habitantes, vivendo espalhados por uma área de 652.000 Km² e com apenas 26,3% vivendo nas cidades, o que o torna um dos países mais rurais do mundo. Diante da população pouco concentrada nas cidades, com uma alta distribuição por todo o país e vivendo em locais inóspitos e distantes, as forças da coalizão não conseguiam manter a presença efetiva nesses locais, dificultando a proteção e controle da população e permitindo o acesso ao movimento insurgente.

Concluimos, com isso, que em relação às variáveis tamanho e população, houve plena aderência ao modelo teórico, com vantagem para o movimento insurgente.

Finalizando a análise das variáveis das condições geográficas apresentadas por Galula, o teórico ao abordar a economia, afirma que quanto mais pobre e subdesenvolvido for o país, mais vulnerável ele estará para a atuação do movimento insurgente, o que foi comprovado pela OEF, pois o Afeganistão é um país pobre, com uma infraestrutura precária, com estradas e ferrovias em péssimas condições, com um elevado déficit comercial, sendo o seu maior produto exportador o ópio, além de dependente de doações e ajuda externa.

³⁷ Conforme consta no segundo capítulo deste trabalho, a primeira lei de Galula é a importância do apoio da população, tanto para o insurgente, quanto para o contrainsurgente.

Concluimos, então, diante da variável economia, que houve plena aderência ao modelo teórico apresentado, beneficiando, mais uma vez, o movimento insurgente.

4.4 NÍVEL DE IMPORTÂNCIA E QUADRO-RESUMO

Conforme observamos nas seções acima, a geografia do Afeganistão, de uma forma ampla, na OEF, favoreceu o movimento insurgente, tendo sido a responsável pelo ganho de poder de combate considerável, para poder fazer frente às forças da coalizão, com melhores equipamentos, treinamento e efetivos.

Apesar de todas terem favorecido às tropas irregulares e haver uma relação entre elas, ressaltá-las-emos, estabelecendo uma ordem de importância em quatro níveis para melhor entendermos as suas influências no aumento de poder combate do Talibã e *Al-Qaeda*, responsáveis pelas enormes perdas aos contrainsurgentes de 2001 a 2006.

Diante da derrota inicial das tropas do Talibã, que quase foram dizimadas, as lideranças conseguiram refúgio e a partir desse momento, ganharam tempo para planejarem e investirem novamente contra as tropas regulares, porém, isso só foi possível porque, conhecedores, fizeram bom uso do terreno, utilizando-se das montanhas, cavernas e túneis subterrâneos, além de realizarem emboscadas com a utilização de IED e incentivarem a produção do ópio.

Ressaltamos que o terreno ao associar-se ao clima, favorece ainda mais ao insurgente, sendo um enorme obstáculo às tropas da coalizão. Com isso, essas duas variáveis encontram-se no primeiro nível de importância.

No segundo nível, há um conjunto de fatores que permitiram o apoio externo, pois proporcionaram bases nas fronteiras, permitindo descanso, planejamento, treinamento e financiamento, são elas: fronteiras internacionais, que permitiu todo esse apoio; localização, por ter ao redor do Afeganistão países favoráveis à causa insurgente; e configuração, sem litoral

e arredondado, por facilitar a entrada e saída de suas fronteiras. Note, ainda, que essas três estão associadas indiretamente ao terreno.

O tamanho do Afeganistão, analisado em conjunto com a população, e conseqüentemente, com a sua densidade e distribuição territorial, encontra-se no terceiro nível de importância, por dificultar um maior controle e proteção por parte das forças da coalizão.

Apesar do apoio da população ser considerado por Galula a chave para o sucesso da contrainsurgência, conforme vimos ao abordar as suas quatro leis, a variável população não foi tão importante quanto às anteriores para o ressurgimento do movimento Talibã de 2001 a 2006, pois, como visto, apesar da dificuldade de proteger e controlar a população, as tropas regulares mudaram de postura e conseguiram amenizar esse fator com o uso dos PRT, aproximando-se da população. Contudo, pelo fato desses atuarem isolados, fizeram com que os insurgentes utilizassem o terreno ao seu favor, que pode ser comprovado pelo aumento dos ataques suicidas e por IED.

Como quarto e último nível, apresentamos a variável econômica, que apesar de tornar o país mais propenso a alinhar-se à causa insurgente, não foi condição isolada para que ocorresse essa aproximação, necessitando, assim, de outros fatores, como exemplo, o apoio externo e a crença em uma causa, conforme apresentado no capítulo 2.

Diante do exposto, a seguir veremos um quadro-resumo mostrando a aderência de cada variável estudada com a OEF, o contendor que foi mais favorecido em cada uma delas e o nível de importância para a OEF, entre os anos de 2001 e 2006:

VARIÁVEL	ADERÊNCIA	FAVORECIDO	NÍVEL IMPORTÂNCIA
Fronteiras internacionais	Parcial	Insurgente	2
Localização	Plena	Insurgente	2
Configuração	Plena	Insurgente	2

Terreno	Plena	Insurgente	1
Clima	Inexistente	Insurgente	1
Tamanho	Plena	Insurgente	3
População	Plena	Insurgente	3
Economia	Plena	Insurgente	4

Findo o desenvolvimento deste trabalho, apresentaremos a conclusão da pesquisa no próximo capítulo.

5 CONCLUSÃO

Com a motivação de entendermos os fatores que levam um Estado possuidor de um Exército com capacidades tecnicamente superiores ser incapaz de uma vitória clara e decisiva sobre um oponente consideravelmente mais fraco, escolhemos como realidade histórica a OEF, no Afeganistão, no período de 2001 a 2006, com ênfase nas condições geográficas. Escolhemos, também, como modelo teórico, o de David Galula, por ser uma referência até os dias de hoje na doutrina norte-americana de contrainsurgência.

O propósito deste trabalho foi responder se a OEF, entre os anos de 2001 e 2006, teria acontecido dentro do modelo teórico escolhido, no que diz respeito às variáveis das condições geográficas – fronteiras internacionais, localização, configuração, terreno, clima, localização, população e economia.

Por meio de nossos estudos, concluímos que sim. Percebemos, ainda, que o modelo teórico de David Galula é válido até os dias de hoje no que diz respeito as variáveis consideradas na pesquisa. Dessa percepção, podemos destacar a relevância do estudo para a Marinha do Brasil, em especial para o Corpo de Fuzileiros Navais, trazendo uma possibilidade de evolução para sua doutrina.

De forma a delimitar nosso estudo, a escolha do período considerado foi pelo fato de, inicialmente, em 2001, as forças regulares terem quase eliminado os insurgentes do Talibã, porém, esses, apoiados em diversos fatores, dentre eles as condições geográficas, conseguiram reverter a derrota inicial e infringiram diversas baixas às tropas regulares, tendo o seu auge em 2006.

Para atingir nosso objetivo, o trabalho foi estruturado em cinco capítulos, sendo três de desenvolvimento. No segundo capítulo, foi estudada a teoria de Galula, mas antes apresentamos um breve histórico sobre a sua vida e as principais definições e características da insurgência e contrainsurgência.

Após isso, ainda no capítulo dois, abordamos os pré-requisitos para o sucesso de um movimento insurgente, com ênfase nas condições geográficas e suas variáveis, além de apresentarmos a relação dessas condições com as quatro teorias da contrainsurgência de Galula e os fatores táticos que influenciam na escolha da área de atuação.

No terceiro capítulo, realizamos o estudo dos principais antecedentes históricos e o surgimento do movimento insurgente no Afeganistão. Após isso, analisamos as variáveis das condições geográficas e a influência dessas na OEF até o ano de 2006, além de uma análise interativa entre elas.

Já no quarto capítulo, dedicamo-nos para comparar a realidade histórica estudada com o modelo teórico de David Galula, em relação às variáveis supracitadas, além de verificar os pontos de aderência, realizando uma gradação e estabelecendo níveis de importância para cada uma delas.

Concluindo a presente pesquisa, observamos que a utilização das condições geográficas pelos insurgentes foi fundamental para que ocorresse um aumento considerável de poder de combate, equilibrando forças com as tropas da coalizão, possuidoras de um Exército com maior capacitação, com equipamentos de tecnologia de ponta, maiores efetivos e melhores treinamentos.

Ficou evidente que a geografia do Afeganistão sempre foi um fator de força de sua população, demonstrado não apenas pela OEF, mas também por diversos outros conflitos da história, como na vitória frente a poderosos Exércitos, como os do Reino Unido e da ex-URSS.

Foi possível perceber que o terreno, associado ao clima intenso, foram os fatores que mais contribuíram com os insurgentes, através da utilização de suas montanhas, cavernas e túneis subterrâneos; além de agravar as péssimas condições das estradas, prejudicando a logística das tropas regulares; e permitindo o plantio e venda do ópio, fonte de financiamento ao movimento Talibã.

Percebemos, ainda, que as variáveis fronteiras internacionais, localização e configuração, em um segundo nível em importância de influência na OEF, foram essenciais pois permitiram que o Talibã ganhasse fôlego, tanto pela fuga de sua liderança para regiões de fronteira, quanto pelo apoio de países simpatizantes à causa, como foi o caso do Paquistão.

As variáveis tamanho e população, em um terceiro nível de importância, dificultaram o emprego efetivo da doutrina por parte das forças da coalizão, pois o tamanho do país, associado ao tamanho da população e sua distribuição pelo território, foram obstáculos para a sua proteção e controle. Por último, em um quarto nível de importância, está a economia, que contribuiu para o Afeganistão, extremamente pobre, tornar-se vulnerável à atuação do movimento insurgente.

Neste trabalho, não foi possível abordar o tema sob a análise dos outros pré-requisitos para o sucesso do insurgente segundo a teoria de Galula, que são: a causa, a fraqueza do contrainsurgente e o apoio externo, neste caso mais detalhado, visto que foi abordado parcialmente ao analisar a variável fronteiras internacionais. Para estudos futuros, sugerimos além da análise desses aspectos para a OEF; a análise das mesmas condições geográficas, mas agora para a OIF, no Iraque.

Finalmente, depreendemos a relevância do estudo do modelo teórico de Galula, principalmente das condições geográficas expostas por ele. Assim, sugerimos que a Marinha do Brasil possa tirar proveito da experiência das tropas da coalizão na OEF em relação às condições geográficas do Afeganistão, fator de força por parte do movimento insurgente.

Para tal, sugerimos, ainda, que as referidas lições aprendidas sejam internalizadas em nossa doutrina, em especial no CGCFN-31.2 (manual de operações contra forças irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais).

REFERÊNCIAS

- BETSON, Andrew. Nothing is simple in Afghanistan: The principles of Sustainment and logistics in Alexander's shadow. *Military Review*, p. 50-57, Sept./Oct. 2012. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20121031_art010.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- BIDDLE, Stephen. *Afghanistan and the future of warfare: implications for Army and Defense Policy*. Lulu.com, 2002. 70 p.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2011. 309 p.
- BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. *CGCFN-31.2: Manual da Companhia de Infantaria de Fuzileiros Navais*. Rio de Janeiro, RJ, 2020.
- _____. Estado-Maior da Armada. *EMA-305: Doutrina Militar Naval*. Brasília, DF, 2017.
- _____. Estado-Maior do Exército. *EB20-MF-03.109: Glossário de termos e expressões para uso no Exército*. Brasília, DF, 2018.
- _____. Ministério da Defesa. *MD 35-G-01: Glossário das Forças Armadas*. 5. ed. Brasília, DF, 2015.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY - CIA. *The world factbook: South Asia: Afghanistan*. 19 maio 2021. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/afghanistan/#geography>>. Acesso em: 07 jul. 2021.
- EUA. Combined Arms Doctrine Directorate. *FM 3-24/MCWP 3-33.5: Counterinsurgency Field Manual*. Washington, D.C, 2006. 419 p.
- FEARON, James D.; LATIN, David D. *Ethnicity, insurgency, and civil war*. Stanford, CA: Stanford University, 20 Ago 2001. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/group/fearon-research/cgi-bin/wordpress/wp-content/uploads/2013/10/apsa011.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- FORD, John. Reading Galula in Afghanistan. *War on the rocks*. 25 abr. 2015. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2015/02/reading-galula-in-afghanistan/>>. Acesso em 14 jun. 2021.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual de normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 255 p.
- FREUND, Julien. *Sociología del Conflicto*. Madrid: Ediciones Ejército, 1995. 310 p.
- GALL, Cartolla. Produção de ópio quebra recorde no Afeganistão. *Folha de São Paulo*. 04 set. 2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0409200606.htm>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

GALULA, David. *Counterinsurgency warfare: theory and practice*. New York: Praeger, 1964. 118 p.

HAMMES, Thomas X. *The sling and the stone: on war in the 21st century*. St. Paul, MN: Zenith Press, 2006. 336

JONES, Seth G. *In the graveyard of empires: American's war in Afghanistan*. 1^a ed. New York, 2009. 417 p.

JIHAD. In: *DICIONÁRIO Michaelis*. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <[https://michaelis.uol.com.br/busca ?r=0&f=0&t=0&palavra=Jihad](https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Jihad)>. Acesso em 05 jul. 2021.

KIRAS, James D. Irregular Warfare: Terrorism and Insurgency. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James J; GRAY, Colin S. *Strategy in the Contemporary World: an introduction to strategic studies*. 6. ed. Oxford: Oxford University Press, 2019. cap. 11, p. 183-206.

LOWE, Peter. *The causes and geographical impacts of war in Afghanistan: The Taliban & Afghanistan's unwinnable war for a level & IB geography*. 10 ed. 2014. 120p.

MAGNOLI, Demétrio. *História das guerras*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. 479 p.

MARLOWE, Ann. *David Galula: His Life and Intellectual Context*. 2010. 61 f. Monografia (Instituto de Estudos Estratégicos) – U.S. Army War College, Carlisle, 2010.

ROWLATT, Justin. How the US military's opium war in Afghanistan was lost. *BBC News*. 25 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-47861444>>. Acesso em 14 jun. 2021.

SHARIA. In: *DICIONÁRIO Michaelis*. Melhoramentos, 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sharia>>. Acesso em 05 jul. 2021.

VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 381 p.

ANEXO A

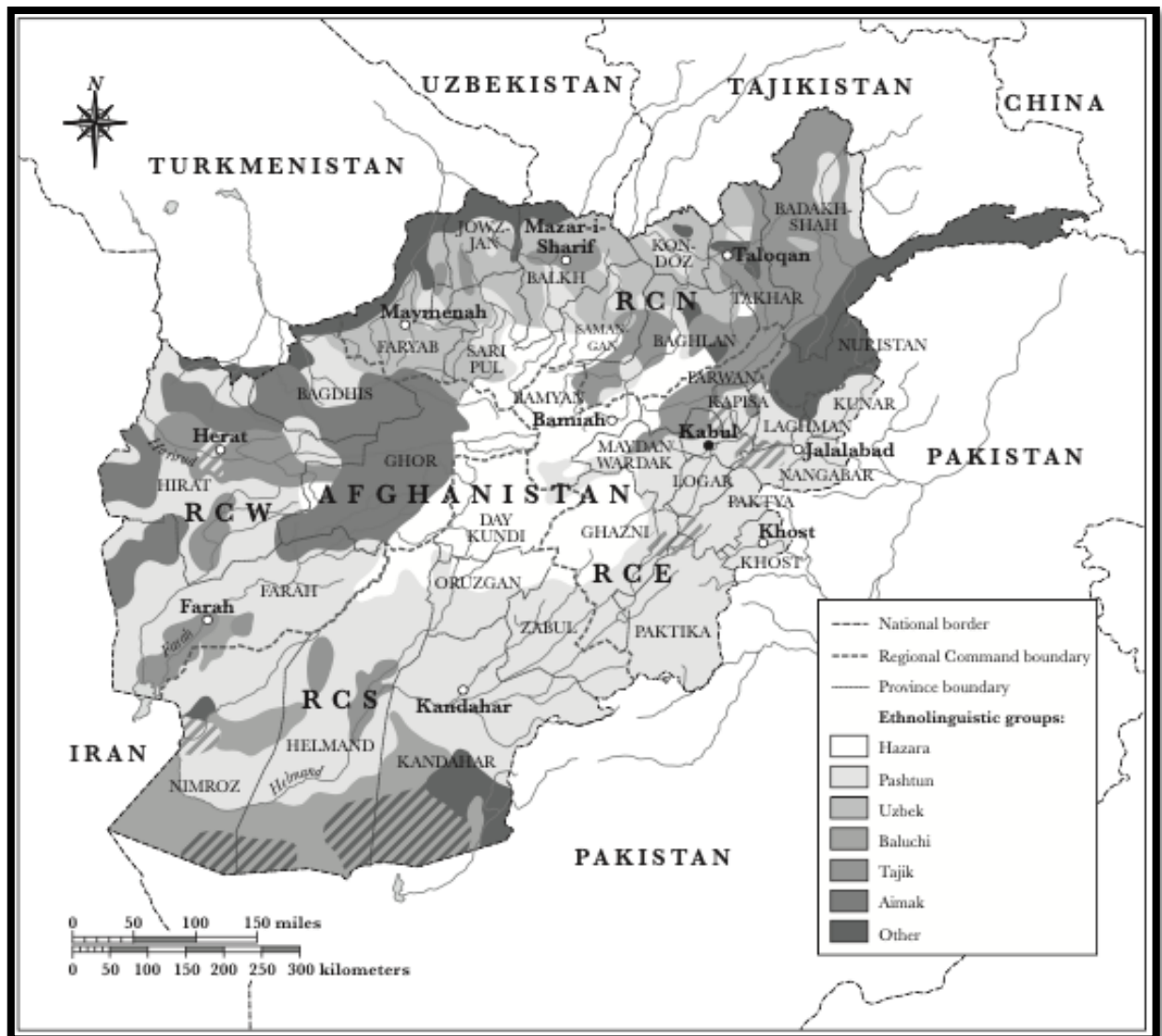


FIGURA 1 - Mapa do Afeganistão dividido por etnias.

Fonte: MARSTON, 2008, p. 224.

ANEXO B



FIGURA 2 - Mapa do Afeganistão.

Disponível em: < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/afghanistan/map>>.

Acesso em 06 de julho de 2021.

ANEXO C

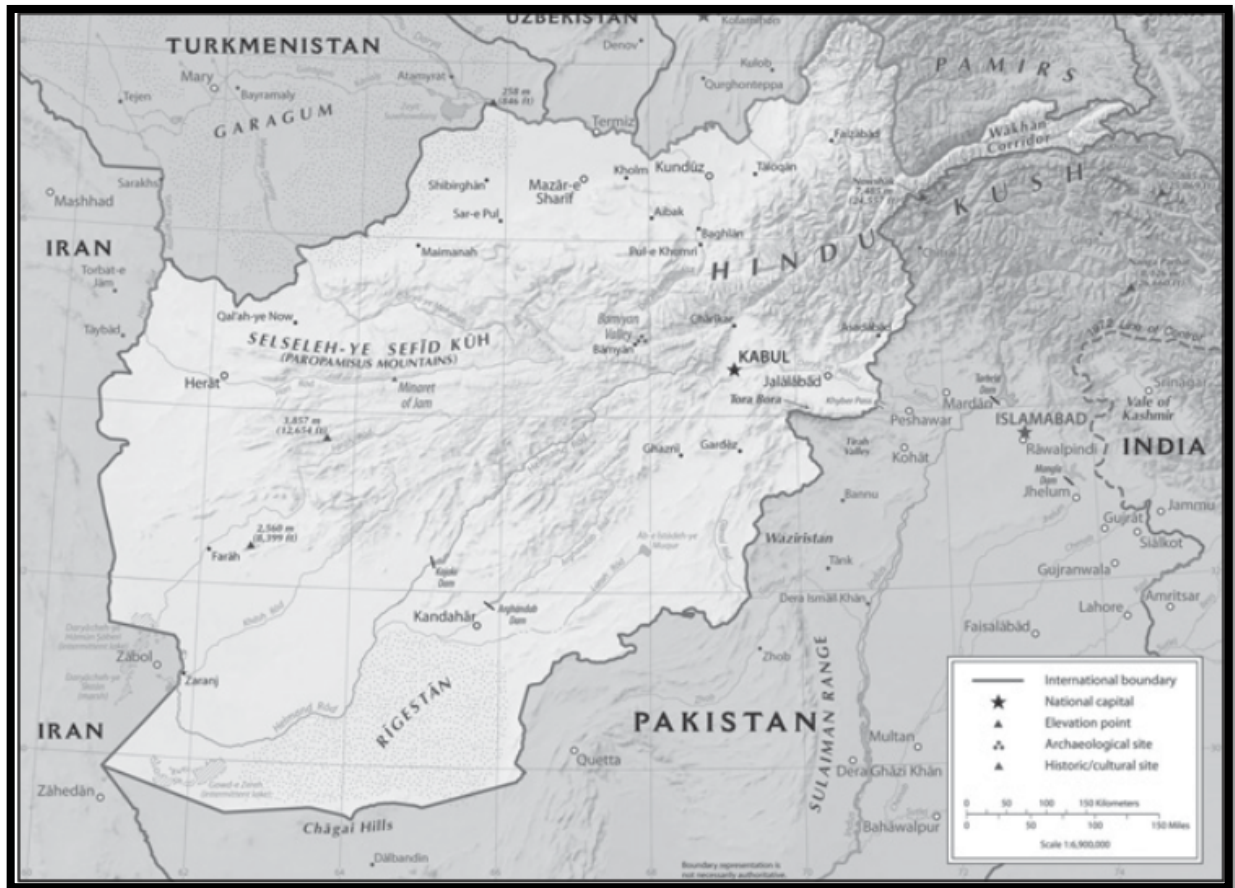


FIGURA 3 - Terreno montanhoso do Afeganistão.

Fonte: BETSON, 2012, p. 52.

ANEXO D



FIGURA 4 - Posição defensiva da Al-Qaeda.

Fonte: BIDDLE, 2002, p. 29.

ANEXO E



FIGURA 5 - Explosão desencadeada por um IED no leste do Afeganistão.
Fonte: LOWE, 2014, p. 23.